

## A INNOCCENCIA DAS ALDEIAS

Meus amigos, não procurem nas aldeias do Minho as alegrias da innocencia, as candidas pastoras e os puros amores do camponez que ama e canta, caza e reproduz-se, envelhece e morre sempre á sombra das suas arvores em cujas ramarias as gerações dos pintasilgos lhe cantaram o nascer e o amar, parecendo choral-o no morrer.

Ai, meus amigos, as aldeias do Minho! como aquillo é tórpe e melancolico! como tudo ali degenerou para nôjos e tristezas!

A mim me tinham dito poetas umas coisas que não acreditei. Sá de Miranda, e Bernardes; Lobo, e Fernão Alvares; Camões, e Braz Garcia; Sá de Miranda e Quita, os quatro pontos cardeaes tomados de poetas que melodiam bucolicas, louvores da sancta vida pastoril, virtudes de zagalas que faziam corar as rosas de puro envergonhadas! Eu não acreditava isto, embora o atrito de dois seculos embaciasse o lustro dos corações antigos, e complanasse os caminhos fragosos por onde os vicios não tinham podido trepar ás montanhas da minha patria.

Que farte sabia eu que de ha muito não se comia bolota nos arcadicos remanços do sertão, nem as justicas dos Affonsos tinham pouco que testilhar com os salteadores nocturnos que envergavam de dia o surrão e cantarolavam innocentes endeixas ás pastorinhas tão gatunas como elles.

Não obstante a minha descrença, o juizo que eu formava das nossas aldeias do Minho, graças á proverbial estupidez nativa d'aquelle gentio, era assim mesmo de tal tolice que dir-se-ia ser eu de lá.

Vivi anno e meio n'um ponto do Minho onde a bestidade é culminante. Cuidei que a simplesa devia parrelhar com a innocencia. Que as mulheres trescalando a raposinho e ao incodeado da lama, teriam as almas limpas. Que os homens, amando bestialmente quanto ao espirito, soffriariam os impetos do sangue, rebatidos pelo exemplo de seus maiores, pelo medo da deshonra, ou pelo terror do inferno. Presuppunha que as lides campestres eram revesadas de alegrias inoffensivas. Que os obreiros na volta da lavoura cantavam as velhas trovas de seus avós. Que as raparigas d'um campo competiam no afinado das vozes com as do outro. Que o dormir fatigado d'aquelles estomagos frugaes e d'aquellas cabeças cheias de cerebro quieto como se fosse de grêda, tinha um alvorecer de luz interior, de consciencia desafogada.

Ora vejam que esta illusão rolou á voragem das outras!

Passsei á orla das cortinhas onde moirejavam as moças da aldeia, e ouvi-as cantar ladainhas, e versos de S. Gregorio. Quedaram de cantar, e romperam n'um murmuro monotonoz resavam a corôa.

Procurei-as nos dias sanctificados á tarde, entre as carvalheiras da suave sombra, no recosto dos valados, ou nas escadas do cruzeiro, conversando os innocentes re-

quebros dos seus affectos, já de antemão legitimados pela pureza da intenção.

Não as vi.

Estavam no templo resando o terço em altos brados, alternadamente com o vozear cavo d'um homem de bantina, pastor d'aquelle rebanho triste e sujo por penitencia.

Depois, vi-as sahir da egreja, com os olhos em terra e as mãos crusadas sobre os seios tumidos.

Aqui ha virtude, disse eu entre mim. O padre matou o contentamento d'esta mocidade, bafejou halito do inferno ao coração d'estas raparigas e queimou-lhes as flores, sobrepoz-lhes á carga do trabalho incessante um demonio que as cavalga, metteu-as á via dolorosa e escura do temor do diabo, figurou-lhes Deus propriamente peor do que o seu inimigo, envelheceu estas mulheres aos quinze annos; mas, se ellas se conformaram, se renunciaram, se conhecem o valor da renuncia, vão bem, vão impreterivelmente ao céo. Certo é que Deus não queria tanto d'estas pobresinhas que tão suado comem o seu pão. Deus que veste as arvores, e aveluda as flores, e loireja as cearas consentiria que ellas, uma vez por outra, folgassem, volteando as suas sarabandas e cantando as harmoniosas cantilenas que já foram o contentamento das serras. Deus não impediria, que, ao domingo, em vez de resarem o terço n'uma ermida que trescala á podridão dos cadaveres, estivessem ao ar livre das devezas planeando com os seus amigos da infancia o futuro dos filhos do seu amor abençoado pelo cura affavel, que, ao perpassar por elles, diria entre grave e risonho alguma palavra docemente reprehensiva. Em fim, estas raparigas podiam salvar-se, por mais desempecido caminho. Vida tão sem luz, sem coração, sem riso, valia bem a pena melhora-la ainda á custa de alguns annos de purgatorio, por causa dos peccados veniaes, se não ha livrar-se d'elles quem sente o goso de viver alternando canceira e repouso de corpo e alma.

Disse isto de mim para mim e agora o digo aos leitores com grande vergonha da minha cara e muitas lagrimas n'estes olhos que a terra hade comer.

Fui ter-me com os anciãos da terra. Contei-lhes a minha edificação; e elles, os velhacos, riram-se como cynicos.

Por que riam os anciãos, cujas netas cantavam a ladainha nas varzeas e o terço na egreja?

Intendi que a velhice estava cancerada até á medulla dos ossos, quando um lavrador de cabellos brancos me disse: «Isto do beaterio é uma desgraça. Os missionarios vem aqui prégar e confessar. Do pulpito abaixo, é inferno para aqui, deabos para acolá, tormentos semfim, almas que vieram do outro mundo por que não resavam o terço, outras por que morreram sem a venera e os livrinhos que elles vendem. Dizem ás raparigas que, se querem salvar-se, deixem os pais, e mães, os maridos e os filhos.

«E vai as raparigas pegam a ir todos os dias para o confesso, não põe mão em trabalho nenhum, cortam os cabellos, atam cordas á cinta, e ficam tristes como a nou-

te. Quando os missionarios abalam para outra freguezia, ellasahi vão atraz d'elles sosinhas por essas serras fora, carregadas de comestiveis, e por la dormem por casa dos lavradores, e Deus sabe por onde.

«Quando tornam para casa, vem tolhidinhas; e arrumam-se alli para um canto com o rosario, e pegam a jejuar e a seccar-se até que, á certa confita, mudam de rumo.

—Mudam de rumo?! —atalhei eu, então ellas não levam ao fim a vida virtuosa?!

«Tó carocha! — respondeu o velhaco, fechando o olho direito e arregaçando o beicho de esguêlha.—Aquillo passa-lhe, consoante ellas são de sua natureza. Umas ainda se ficam confessando com o vigario todos os oito dias, e nas idas e voltas lá pelos caminhos, se acertam de encontrar rapazes da sua áquella, la lhe dizem as arolas do seu systema de vida, e ás duas por trez deixam crescer a carapinha e tornam a comer ás horas. A final casam. Outras... valha-me Deus, que não sei como o patife do deabo arma certas desgraças... Quando a gente mal se percata... sim, um homem que tem filhas como eu, e cuida que as tem seguras, la com as suas rezas, e vai se não quando, como aconteceu a...»

Aqui, o informador nomeou algumas creaturas que eu não conhecia, e desdobrou umas biografias, á conta das mesmas, muito para lastimas e desenganos da minha boa fé.

Depois é que eu intrei a esgaravatar no lameiro onde os missionarios rebaçam as suas confessadas e companheiras de apostolado.

Nem a virtude do pejo!

Numa estreita área d'uma legua a devassidão competia com a estatistica de qualquer povoado em que as almas, sem missionarios conservadores, se contassem aos milhares.

Os mancebos, os Bieitos e Josinos dos élogos enchiam as tavernas por noite morta e jogavam a esquineta e o monte. As velhas, que não podiam aquecer-se ao fogo da mocidade e dos vicios dessa sasão, eram ladras. O ovelheiro d'este rebanho tihoso, o vigario, com uma cauda de beatas, que lhe queriam como aos seus olhos, ia tomar chá com ellas, em secreto ágape, e sahia da catacumba com o rosto beatifico a resplandecer santidade. Os meninos beijavam-lhe as mãos, que nunca se abriram com uma esmola para os necessitados. As moças das nalgas anchas e caras escarlates beijavam-lhe a fimbria da batina. E elle, com quarenta sadios annos de idade, inclinava-se ás suas filhas espirituaes e disia-lhes: «Andai, andai, minhas filhas. Coroi-vos de flores ámanhã, na volta das ceifas, e ide assim passar á porta dos impios para vos distinguirdes d'elles.»

Ora aconteceu que os impios era eu e a minha familia. E as operarias da casa do vigario coroavam-se de flores e passavam á minha porta cantando o *Bemdicto e louvado seja*.

O pastor, commensal do hysson e da manteiga das minhas seraphicas visinhas, odiava os meus pequeninos e

os meus creados, por que elles cantavam as coplas do *Alfageme* de *Garrett*, que disiam assim:

Viva o nosso padre, padre capellão  
Que é o nosso santo de mais devoção  
Que me hade cazar. E a mim porque não?  
A todas, a todas, quer queira quer não.

O padre cuidou que eu inventara as trovas para ultrage do sacerdocio, e levou a minha vituperosa invenção rhithmica até á presença do arcebispo primaz. Salvou-se a minha orthodoxia n'este lance; mas quem sabe o que a posteridade dirá de mim quando o *Alfageme* de *Garrett* estiver esquecido, e viverem ainda na memoria das gerações porvir as minhas desavenças heresiarcas com um vigario do Minho!

§

No centro d'uma provincia em que a desmoralisação compete com a ignorancia, perguntava eu á minha pachorrenta philosophia como era que a freguezia onde eu demorei anno e meio sobrepujava ás outras em vicios de todas as naturezas? Era porque o pastor d'aquella rez gafada sentado na cathedra da doutrina, nunca disse aos seus freguezes: «Não roubeis, não calumnieis, não hombrieis com Deus no juiso das consciencias alheias. Amai-vos uns aos outros.»

§

Ai, meus amigos, se fordes ao Minho, subi aos picos das montanhas, bebei a sorvos aquelle ar balsamico, vêdeme que ceo aquelle, que estrellado escabello onde pousam os pés do Senhor! Não vades ás aldeias que alvejam por entre o cerrado das florestas; que ahí, tirante algum lombo de pôrco, tudo o mais é esqualido e repulsivo.

C. CASTELLO-BRANCO.



## Á CERCA DOS JESUITAS

Não sei o que é moda agora: se ser contra, se a favor da companhia de Jesus. Ha sapientissimos varões que a defendem; outros que, tambem sapientissimos, a culpam. Quem não fôr sapientissimo, que possa justificar o pró e o contra, anda acertadamente não se decidindo; porque, se a verdade não está na decisão dos sabios contendores, tambem não é crível que surja baldeada do pôço da minha ignorancia.

Quando o sr. A. Herculano, ha dez annos, escreveu a *Reacção ultramontana*, andei e varios amigos meus em cata d'uns jesuitas que perseguiam tenacissimos e triumphantemente o douto historiador. Não topamos nenhum. Os reaccionarios conhecidos eram tão visiveis e tangiveis com a sua corporatura estúpida que não podiam ser jesuitas, mineiros clandestinos e subtis obreiros da demolição do edificio novo. Certo que não se queixava destes o descrido impugnador das cortes de Almacave e da escangalhação dos cinco reis sarracenos em Ourique. Não eram, com toda a certeza, jesuitas; porque não se finge facilmente de jesuita quem quer. Vae muito de velhaco

a ladino. A bruteza não faz implicancia á primeira d'aquellas coisas: de estúpido e mau resulta a velhacaria sôrna que logra embair os mais avisados. Ha tantos d'esses por ahí que se a gente vai a taxal-os de jesuitas cuidaremos que o aguadeiro nos vem á cosinha fazer os exercicios de Santo Ignacio de Loyola ou de Affonso Rodrigues com as creadas.

Ser ladino é outra cousa. A palavra reluz e argue saber, perspicacia, sagacidade, prudencia, ponderação reflexiva, virtudes capciosas, cedencia de beneficios com muitissima abnegação de vantagens proprias, influencia salutar sobre os corações em que peze ás rebeldias do espirito, conjuração benigna de vontades com a mira apontada a remotos futuros. Isto, sim, que é dar visos de jesuitismo, quando não seja bem na sciencia e na consciencia. Conhecemos d'estes de vista e de orelha. Não se nomeiam, por forrar a medos os timoratos. Deixal-os andar incognitos, que por ora não fazem mal; antes fazem bem. O que elles prégam do pulpito, e segredam no confissionario é bom para os que não sabem extremar o bem do mal, nem tem de seu luz que os encaminhe, nem consciencia que os sobresalte. Não alumiar ignorantes e tirar-lhes o missionario illustrado é entenebrecel-os de todo. Tirem-lhes o padre, e depois façam montaria ás feras.

Vá de hypothese que o sr. padre Rademaker e o sr. padre Rebello (oradores sagrados já de nomeada estrondosa) sejam da companhia de Jesus. Elles não denegam, e gloriam-se da fama. *Non erubesco...* Pois supponhamos que são. Aquelles jesuitas entendo e respeito. Passam e não deixam vestígios desairosos. Doutrinam e exemplificam. Tem a grande virtude da boa fé, tão rara. Ainda quando argumentam mal-avisados, tem o desconto do intento e do effeito. Vá de exemplo: o sr. padre Rademaker disse, um dia, n'um pulpito de Braga, que o arcebispo D. fr. Bartholomeu dos Martyres tinha sido bom patriota. Erro historico de involta com certa imprudencia ocasional, porque, n'aquelle dia, conjuravam os sandeus e os hypocritas contra um escriptor concludente em desabono do patriotismo do arcebispo. (\*) Foi puro jesuitismo aquillo; mas inculpavel. Era o methodo invariavel em acção, o reconhecimento posthumo do jesuita de hoje em dia ao prelado que quisera fazer reposteiro de D. Sebastião, rei de Portugal, um Simão sapateiro creatura dos padres de S. Roque. O sapateiro é que não quiz.

Gratidão, em todo o caso; não importa que seja jesuitica.

Seja o que fôr, mas que a historia saia enviezada e torcida ao torno da piedade, as resultas são prestantes. O povo não pode fitar a luz que lhe dardejам os sabios sinceros. Falta-lhe tirocinio que o habilite a ser bom com a verdade simples, a crer que pode um homem ir ao ceo sem diploma de bom patriota.

(\*) O abalisado professor e orador sagrado Joaquim Alves Matheus, conego da sé primaz.

Mas que reacção temivel foi essa que tão alvorotados trouxe os animos? A meu juiso, andaram a crear avejoens para estadearem a valentia com que os afugentavam. Tanto assim, que, a poucas voltas, tudo se callou, excepto os srs. padres Rademaker e Rebello, e outros que tanto podem ser jesuitas, como franciscanos, como paulistas. Bernardos é que não. Tem grammatica e rethorica de mais para isso.

Ja não conheço quem tenha medo a jesuitas. Pode quem tiver memorias do passado d'elles, se ainda as ha inéditas, trazel-as á praça e offerecel-as aos historiadores e colletores de libellos diffamatorios. Tenho dois papeis velhos que ainda não foram estampados, se me é fiel a memoria. Se isto de jesuitas em 1868 fosse coisa seria, á fé que não tirava eu pela estampa um documento que os accusa de assassinos, nada menos que um quase deicidio, visto que o morto era o vigario de Christo. Do outro, que os defende, direi depois.

Vai ler-se uma carta que de Roma escreveu um personagem da jerarchia ecclesiastica a um prelado religioso de Portugal. Tracta da morte de Clemente XIV.

#### CARTA

«Em fins do anno de 1770, soaram as profecias d'uma camponeza de Valentano, chamada Bernardina Benzi, relativas a jesuitas, de fora parte muitas outras propaladas por sujeitos da extincta companhia, com o scopo feito em amedrontar o papa, antes de publicada a extincção.

«A impostora prophetisava que não se havia de acabar a companhia; que um famigerado jesuita seria promovido ao capéllo cardinalicio por Clemente XIV, e que as provincias, d'onde tinham sido expulsos, lhes seriam restituídas, convertido a elles o papa.

«Prophetisou Bernardina a morte do pontifice, predisendo-lh'a para 24 de março de 1771. O papa n'esse dia teve saude e comeu bem.

«Foi a companhia extincta em agosto de 1773. Bernardina continuou a prophetisar que os jesuitas resurgiriam, e o papa e os reis cooperadores na extincção morreriam atormentados.

«Sem embargo, o papa continuou a viver sadio e contente por espaço de oito mezes, bem que desconfiado.

«Clemente XIV era rijo de compleição, todavia atreito a flatos hypocondriacos. Fallava sonoramente. Andava a pé como no vigor dos annos. Muito alegre, e afaivel até ao excesso. Dormia cinco horas depois de ter ceado alegremente.

«Ora, em um dia da semana sancta d'este anno de 1774, Clemente, depois de jantar, sentiu-se anciado, com grande frio interior. Julgou casual o successo; e melhorou. Ainda assim, inrouqueceu, perdeu o timbre da voz, e ficou sentindo as goelas inflammadas, grande fastio, e extraordinaria inquietação. Seguiram-se vomitos, fraqueza nas pernas, somno excessivo e dores no ventre.

«Tamanho era o animo de S. Santidade que procurava dissimular e encobrir estes symptomas, bem que estivesse persuadido que lhe tinham propinado peçonha, por se lhe acharem certas pilulas anti-toxicas, das quaes usou constantemente.

«Assim passou o papa, disfarçando, durante os mezes de maio, junho e julho, e revelando a decadencia de forças e outros accidentes. Isto não impedia o divulgar-se que S. Santidade havia de morrer cedo, aprazando alguns o dia 16 de julho. (\*) E, como este dia passasse, espalharam que o papa morreria em novembro.

«No fim de julho foi Clemente XIV a banhos de que usava annualmente contra humores que padecia de verão. Demorou-se até agosto, sem melhorar da fraqueza, da garganta e abrimentos consecutivos de bocca, e extraordinarios suores, dos quaes se disse que S. Santidade os promovia como auxiliares ao restabelecimento da saude.

«Nos ultimos dias d'agosto começou a receber os ministros, não obstante a debilidade e inquietação interior. Seguiu-se o perdimento da alegria e natural mansidão; agitava-se com facilidade; sobrevinha, por rem, a sua sancta indole a contêl-o.

«No dia ultimo de gosto sahiu, e viu trez padres, um dos quaes, levantando a mão, e pondo n'elle os olhos, ameaçou-o com ella, sumindo-se logo por entre as turbas. Disfarçou o S. Padre; porém n'essa mesma noute, o revelou a pessoa de sua muita confiança.

«Neste tempo, o vigario geral do bispo de Padua escreveu ao secretario da congregação *de rebus jesuitarum*, contando-lhe que certos ex-jesuítas se lhe tinham apresentado, injuriando Clemente XIV, por pensarem que elle vigario era de sua facção, e lhe disseram que o papa havia de morrer em setembro. Simultaneamente espalhou-se uma estampa gravada em Alemanha. A' direita estava a morte com bandeira que tinha um christo; no centro uma peanha em cujo cimo assentava uma especie de tabernaculo dentro do qual se via uma figura; á parte esquerda, um jesuita com habito clerical, e tinha por cima o distico: I. H. S. (*Jesus salvador dos homens*) Na orla da estampa liam-se estas palavras: *Sic finis erit*. Logo depois, se liam certos versos em idioma tudesco, nos quaes se declara que os jesuítas eram inalteraveis; de traça que as maiusculas compunham o seguinte numero romano: MDCCLVVVVIII que é o anno 1774 em que morreu Clemente XIV.

«Em seguida, veio a primeira febre ao papa na noite 10 de setembro, com tal desmaio e prostração que o julgaram morto. Tiraram-lhe dez onças de sangue, e não se lhe viu signal de inflammação, nem na respiração ou peito coiza grave. O sangue dava o soro correspondente, posto que os medicos o julgassem dessorado em consequencia dos copiosos suores.

«Na manhã do dia 11 começou o papa a melhorar da febre, e ao parecer dos medicos estava livre; e tão de

pressa corriam as melhoras que ja sahiu nos dias 14 e 15, e fez-se prestes a ir passar alguma temporada no castello Gondolfo.

«No dia 15, voltou-lhe o quebranto com pesado somno, dia e noute, ate ao dia 19 em que lhe sobreveio febre, grande elevação no baixo ventre e retenção de ourinas.

«Sangraram-no, e ainda o sangue não denotou qualidades inflammatorias. O ventre não respondia dolorosamente á pressão, e as funcções respiratorias continuavam livres.

«Recrudescceu a febre durante a noite; sangraram-no de novo, e voltaram a sangral-o no dia seguinte. O pulso quebrou por tal maneira, que ja os medicos o consideravam muito melhor: mas reacendeu-se a febre, e tão desanimadora que resolveram ministrar-lhe o viatico. Passou o papa inquieto o restante da noute; em vista do que, tornaram a sangral-o no dia 21. (\*) Continuou a febre, e intumescencia do ventre e retenção de ourinas; de sorte que, na mesma noute, lhe deram a extrema-unção; e, no meio de fervorosos actos de piedade e contricção, verdadeiramente exemplar, rendeu a alma ao creador ás 3 horas do dia 22 de Setembro de 1774.»

Conclue a carta no proximo numero.

C. CASTELLO-BRANCO.



## SCENA 2.<sup>a</sup>

DO ACTO 1.<sup>o</sup> DA COMEDIA

### AS SABICHONAS

DE MOLIÈRE

TRADUÇÃO DE

A. F. DE CASTILHO

(Continuado do n.<sup>o</sup> 1, pag. 8.)

LAURA, HENRIQUETA E JORGE

HENRIQUETA (para Jorge)

Vamos;

falle-nos serio, Jorge; a honra lh'o requer: Qual é a d'entre nós a quem realmente quer? (se acaso quer a alguma.) Esta senhora afirma que homens nisto de amar são todos fraca firma; que eu sou muito crendeira, e a minha esp'rança van. Quem vive na illusão? sou eu? ou minha irman? declare-o com franqueza aqui perante as duas.

LAURA

Mana Henriqueta! eu pasmo! até não julgo suas taes interrogações! quer pôr-nos em leilão,

(\*) Depois das quatro sangrias, se o papa morrer, a justificação dos jesuítas deve ser facil.

(.) A abolição dos jesuítas foi assignada em 21 de julho.

como as servas em Roma?

(Para Jorge em ton cortez e amigavel).

Apenas um vilão

ouzaria dizer a uma senhora em face,  
e na presença d'outra, inda que o abafasse  
o mais cego furor. . .

JORGE

Não sou vilão, socegue,  
senhora dona Laura; e raiva que me cegue,  
tambem não ha cá dentro. Assim, com placidez,  
e como homem sem nodoa em pontos de honradez,  
formalmente o declaro: amor, votos, esp'rança,  
pendem para este lado

(apontando para Henriqueta)

a concha da balança.

Oiça-me, e não se enfade (em breve findo). O amor,  
logo que a vi, rendeu-me. Ardi e ouzei-lh'o expôr  
co'as supplicas do olhar, co'a assiduidade terna  
em buscal-a, em seguil-a. Era uma chama interna  
a brilhar para fóra, assim como se vê  
d'um sanctuario a luz muda a clamar-nos: cré.  
A que havia de crer, não creu; ou creu, e altiva  
folgou de ver no fogo a victima captiva  
estorcer-se, estalar, pedir-lhe auxilio em vão;  
crescia a dôr, crescia a par a ingratião.  
Fiz um supremo exforço: arranco-me ao supplicio,  
asilo imploro, encontro o asilo mais propicio:  
um anjo bom me acolhe; e ao que outra escarneceu  
o puro amor accêita, e dá-lhe em troca o seu.  
D'ella sou, juro ser eternamente d'ella.  
Ali ha coração, que a torna ainda mais bella.  
O mais feliz porvir já na sua alma o li;  
ninguem póde já agora arrancar-me d'ali.

LAURA

E quem o tentaria? Admiro-lhe a vaidade  
de o suppor; e em dizel-o, a extrema urbanidade!

HENRIQUETA

Mana Laura! irritar-se! esquecer-se da tal  
*mens divina*, cuido eu, que doma o que é brutal,  
e ás filósofas veda ataques de impaciencia!

LAURA

Pois não! quem me podia aconselhar prudencia  
a não ser a senhora, a filha singular,  
que ousa dispor de si dentro do patrio lar,  
sem ouvir pai nem mãe! Cuida que a sua escolha  
basta, sem que primeiro a mãe e o pai a acolha?

HENRIQUETA

Agradeço a lição, e accêito-a; para ver  
que me aproveito d'ella, e cumpro o meu dever,  
rogo a Jorge que vá, já já, n'este momento,  
pedir a nossos pais o seu consentimento.

JORGE

Obrigado, Henriqueta; espero voltarei  
já teu legal escravo e mais feliz que um rei.

LAURA (para Henriqueta e em tom do mais  
profundo desdem)

Vá, suba ao capitolio; uma victoria obteve,

que nem Pentesiléa igual jamais a teve!  
leva um bello captivo! o que não ha porem  
é razão para crêr que excite inveja a alguém;  
a mim por certo não.

HENRIQUETA

Bem sei, na alma da mana  
só a razão domina. Esta miseria humana,  
que se chama casar, anoja-a, faz-lhe dó,  
faz-lhe horror e terror; deleita-a viver só  
co'os sabios, co'a sciencia, e co'a filosofia;  
á gloria de ser mãe... prefere a de ser tia.  
Invejar-me! ora essa! acaso em tal pensei!  
invejar-me, porque? tanto accredito e sei  
que me não sente inveja....

LAURA (á parte)

Eu ter-lhe inveja, numes!

HENRIQUETA

e que a *divina mens* a livra de ciúmes,  
que até lhe peço, mana, ajude com fervor  
as instancias de Jorge, e empregue em meu favor  
perante nossos pais toda a sua eloquencia,  
caso n'elles se encontre alguma renitencia.

LAURA

Tambem aquillo zomba! Está fóra de si  
por ter aproveitado o que eu escarneci!

HENRIQUETA

Bom, ella é que o deixou; mas sempre me parece  
que se elle hoje.. talvez que o não escarnecesse.

LAURA

A loucas não respondo.

HENRIQUETA

E faz como quem é.

Moderada até 'li!..

LAURA (olhando alternativamente para Jorge  
e Henriqueta com ar de summo desprezo)

Lé com lé, cré com cré.

São dignos um do outro. Enxarquem-se á vontade  
nas prozas da materia e da vulgaridade!

(Sae arrebatadamente.)

## SCENA 5.<sup>a</sup>

HENRIQUETA E JORGE

HENRIQUETA

Ella é que nem sonhava um desengano assim!

JORGE

Que outra coisa podia achar já agora em mim?  
orgulhosa! estou pago. E não me peza o feito.  
Seus desejos e os meus vão ter um prompto effeito  
adorada Henriqueta; e sem mais dilacção  
vou levar a seus pais a nossa petição.

HENRIQUETA

A minha mãe primeiro; apenas a convença,  
meu pai annue; meu pai é da melhor avença;  
nunca se lhe ouve um não. Quando recusa, ou quer,  
é porque recusou, ou quiz sua mulher;

é a propria bondade. A senhora absoluta, contra cuja vontade elle jámais reluta, n'esta casa, é só ella. O que me dá pezar é ver que o meu bom Jorge entenda ser dezar fingir-se um pouco mais com minha mãe e tia; que não saiba esconder a sua antipatia co'as futeis illusões que as enchem de prazer. Quem pretende alcançar precisa comprazer.

JORGE

Bem ou mal sou assim: nasci sincero; o estilo que improvo aos cortesãos não quero em mim sentil-o, pois me deshonoraria aos meus olhos, e aos seus, Henriqueta; e bastava o eu córar aos meus. Bem sabe, á nossa Laura o que eu a amava d'antes; mas nunca lhe louvei as praticas pedantes. ; Se me repugna ouvir sentenças e latins em voz meiga só propria a rendas e a setins! Contar com mimo em tudo, e vermos de repente d'entre uns labios de roza alçar-se uma serpente: um apophtegma, um texto, um caso com bulor! é regelar o estio, é destruir a flor.

Querer dos sexos dois ser hibrido complexo, é ficar de uma vez sem um nem outro sexo. Quer-se a mulher, mulher; quer se o varão, varão. A's leis da Providencia em balde se oporão quantas doutoras haja; háode alcançar apenas, Icaras para rir, perder no ar as pennas. E que eu lh'o aprove? oh! nunca! Admitto que a mulher se instrua para si; que ajunte, se poder, thezoiros de saber. São preciosidades, que lhe podem servir em todas as idades, e em qualquer situação: nos annos juvenis, tornando-a mais sensata; esposa, mais feliz; quando mãe, boa mestra; e ao cabo dos amores, velha, pondo-lhe ainda ao pé da campa flores. A sabia assim, adoro-a. A's doidas que se impõe sobre andas de saber, enchem a voz, suppõe a todos aturdir com frases impostoras, fujo-as; um senso bom val mais que mil doutoras.

Respeito a sua mãe, respeito-a muito; só lhe não posso applaudir o que me causa dó.

Mal haja esse Pancrácio, esse erudito fôfo que as veio enfeitçar com o seu saber balôfo! um pedantão chapado; um sabio d'entremez, que dá todo ancho á luz um tomo ou dois por mez, embutidos á força, e logo antes de lidos, aos tendeiros do bairro a peso revendidos; bom acerto inda assim para o sarrafaçal: que alguns dos seus papeis virão a conter sal.

HENRIQUETA

E' verdade; eu tambem quando oiço as eloquencias com que elle ás vezes vem, dão-me umas somnolencias que chego a cabecear; e elle a suppor que estou

extatica a approval-o! As obras que editou não li eu, nem lerei, nem as entenderia; mas o voto de Jorge enche-me de ufania, vendo que em mim o instincto, e n'elle a illustração, se encontram até nisto em plena afinação. Mas como aqui Pancrácio exerce alta influencia, forceje-se em mostrar-lhe alguma complacencia. Que remedio! quem ama obriga-se a afagar até o cão da caza.

JORGE

O cão tem seu logar; mas um cachorro assim!... Que homem de bem se atreve a louvar, a sofrer, o que um sendeiro escreve! Eu já o tinha lido; e posso até dizer que já o conhecia antes de o conhecer. Naquella multidão de informes cartapacios, descobria-se em cheio a nata dos Pancrácios: um parvo presumpçozo; um sacristão que a si queima elle proprio o incenso; entre a fumaça, ri; e suppondo-se um Deus, reputa ninharias perante o que elle faz, a obra dos seis dias.

HENRIQUETA

Tudo isso adivinhou?

JORGE

Até lhe adivinhei o ar, a figura, a voz, e em nada me enganei.

HENRIQUETA

E' possível?

JORGE

E' certo. A versaria izotica, torcida, alambicada, insipida, narcotica, de que nos golfá á cara enxurros taes sem fim, podiam lá sahir senão d'um vulto assim! Quer a prova, Henriqueta? uma vez, em Palacio, vi-o, e logo exclamei: por força este é Pancrácio; e nunca o tinha visto...

HENRIQUETA (rindo)

E' bruchó!

JORGE

Eu não, mas dois assim, nunca Deus fez; nem antes nem depois... Callada; lá vem ella...

HENRIQUETA

A mãe?

JORGE

A tia Andreza...

HENRIQUETA (em voz baixa e rapidamente para Jorge)  
Deixo-os; falle-lhe Jorge, e empregue mais destreza.

(Sae apressadamente).

(Continua.)

## REGINA

## ROMANCE ORIGINAL

POR

GASTÃO VIDAL DE NEGREIROS.

(Continuado do n.º 2.)

## Scenas de familia

A' mesma hora, pouco mais ou menos, em que tinha logar o referido dialogo, n'uma rua da extrema opposta da cidade, em casa de opulenta apparencia, reuniam-se em redor de farta meza o sr. Anselmo da Costa, D. Antonia sua esposa, e duas meninas já a fugir da infancia, alegria e enlevo de seus pais.

O chefe da familia que não representava mais de quarenta e tres a quarenta e quatro annos, tinha uma d'estas phisionomias afaveis e insinuantes. N'aquella fronte serena e espaçosa lia-se a probidade e a paz da consciencia, a par do santo contentamento que lhe trasbordava do coração agradecido, quando remirava o fructo das benções de Deus nas duas formosissimas cabeças d'anjo que lhe deliciavam o entardecer da vida, amortecendo-lhe a saudade dos seus tempos de rapaz.

D. Antonia era ainda a mulher formosa de trinta e seis annos, para quem os dias passaram sem os sobresaltos e as insomnias de más paixões. Assim como seu marido, o rosto de D. Antonia era a imagem encantadora d'um bello lago, limpido e transparente.

As duas irmãs, das quaes a mais velha contava apenas dezeseis annos, eram de rara gentileza e frescura; tinham umas feições de tão regular perfeição, que todo o Porto as aclamava sem rivaes. Ainda assim, deve-se confessar que o suffragio do maior numero optava pela mais nova das meninas. E na verdade, os olhos de Regina, grandes e avelludados, tinham a magia que prende, na doçura e no não sei que de apaixonado e fascinador. Os cabellos eram negros como os olhos, e a bocca breve e risonha, mostrava entreabrindo-se ligeiramente uns dentinhos alvos e tão certos, como um fio de aljofares.

Eugenia tinha cabellos e olhos castanhos. Dotada d'uma compleição debil, as suas formas não tinham o desenvolvimento que tomaram as de Regina, crescendo á proporção. Eram finalmente como duas bellissimas flores, por igual raras na sua especie.

—Que formoso dia, papá!—disse a mais nova das meninas, que Anselmo tem á sua esquerda, aquella que se julga com o agradável encargo de lhe escolher a melhor fatia, e temperar o chá.—O ceu está tão lindo!—continua ella sorvendo a pequenos golos a sua taça de leite.—O sol tão puro e agradável!

—Bem sei—responde sorrindo o feliz progenitor, relanceando um olhar para a esquerda da esposa, onde ficava Eugenia.

—Continua, minha palradora. Que mais queres tu dizer-me?

—Mais nada, papá....

—Vamos, não cores por tão pouco. Aposto que foi Eugenia quem te lembrou que ficamos de ir hoje á quinta de Balbom, e tu encarregastes-te de m'o recordar. Não é assim? Cuidas que só tu és feiticeira?

—Eu!—bradou Eugenia fingindo-se surprehendida, enquanto D. Antonia se ria á socapa para o marido, volvendo o olhar d'uma a outra das meninas com o ar jubiloso de esposa e mãe feliz.

—Sim, tu, minha sonsinha—proseguiu Anselmo risonho.

—O' Regina, eu fallei n'isso?

—Não: mas Raphael pediu-me tanto que o não esquecesse.

—E Salvador?—acudiu D. Antonia.

—Esse não, mamã. Não comprehendo que tristezas são as d'elle. Faz-me dó. Tenho pena de o ver sempre melancolico e pensativo. Quando lhe pergunto o que tem, responde-me umas coisas tão esquisitas, que fico pasmada sem o intender. E isto é ha pouco tempo; ainda não ha muito, que elle corria tanto como nós e Raphael atraz das borboletas.

—E faz bem—redarguiu D. Antonia com ar serio, medindo a menina com a vista.—Essas corrimaças já não são para a vossa idade, filha. Raphael é um louco. E' necessario ter juizo, e acabar com brincadeiras. Eugenia está a fazer dezeseis annos, e tu a entrar nos quinze. Dentro em pouco...—conteve-se e suspirou.

Regina, a esta subita suspensão, fitou-a com pasmo, e procurou os olhos de seu pai, onde bailavam duas grossas lagrimas. Então, sem poder explicar o impeto que a dominava, arrastou a cadeira e ja de pé enlaçou-lhe o pescoço com os braços.

—Não! não!—balbuciou este, beijando-a na fronte —E' cedo... Seria uma crueldade... Vai,—proseguiu—vai estudar a tua lição, minha filha. Canta-me alguma aria alegre para espancar estas sombras. Depois do jantar iremos até á quinta.

As duas meninas sahiram da sala.

—Fazes mal em envelhecer esta creança—dizia Anselmo, a sós com sua mulher.—Deixa-m'a assim o mais tempo que poder ser. Quem sabe para que a reserva o futuro?... Sabes Antonia que me parece uma profanação entregal-a já ao visconde?... Que espere!

—Não sei—redarguiu D. Antonia pensativa—cazamentos d'esta ordem não apparecem todos os dias. Pensa bem. E' preciso não engeitar a fortuna.

—Tens razão, minha amiga. Mas o que eu não posso pensar, sem estremeecer de dôr, é que tenho de apartar-me de minha filha. Encaras tu esta separação sem grande custo?

—Eu?!—exclamou a senhora com a voz tremula de commoção.—Não a amo tanto como tu! Não é ella tambem minha filha! Não sejas injusto, Anselmo!...

—Não sou. Sei que thesouro é o teu coração de mãe, comtudo não receio enganar-me dizendo que a filha que me nos te merece é Regina. Sendo ella a mais meiga, a mais

formosa, e a que mais se parece contigo! Confessa: se o pedido do visconde intendesse com Eugenia, aconselhar-me-hias do mesmo modo?

—Eu não te aconselho, Anselmo, fiz apenas uma reflexão. Estás sempre a desconfiar que sou mais amiga de Eugenia, e enganas-te. Eu quero-lhe por igual. Se tenho mais cuidados com esta, é porque receio da sua vida que os medicos nos pintam tão fragil! Não a vez tu tão delicadinha em quanto Regina é um assombro de robustez e saude?

Anselmo meneou a cabeça, signal que a esposa tomou por aprovativo e que quanto a nós tinha diversa significação. Depois de curto silencio, levantou a voz.

—Faltarão casamentos ás minhas filhas? á minha Regina?... Ha homem ahi que a mereça? Conhecel-o Antonia? Será o visconde digno d'ella?... Não me digas que isto é demasiado orgulho; que me cega o amor paternal; não, sou pai, mas tambem sou homem, e não vejo outra que lhe compare. E havia eu de sacrificar-a quasi no berço? Entregal-a a um homem que representa mais idade que a minha! Está decidido: deixemos-lhe gosar a mocidade; Deus hade reservar-lhe um bom futuro.»

—Oxalá, meu amigo. Praza a Deus te não enganes.

—Parece que duvidas, Antonia? Que vaticinios são esses? E por que sentirei eu ouvindo-te, no fundo do coração, assim como um veo negro a enluctar-me a esperança mais querida da minha alma?

—Bem o sabes—respondeu D. Antonia.—Creio na boa ou má estrella da creatura. Sou fatalista. Lembraste em que dolorosas circumstancias foi gerada Regina? Indigitado como constitucional, vi que te arrancavam de meus braços para te arrastar ao carcere d'onde sahiram para a forca os dez infelizes que assim como tu, deixaram esposas e filhos na penuria do extremo desalento. Sabes que desesperos senti n'aquelles seis mezes? Compensação a tamanhas torturas, achei-a, quando a poder de dinheiro e bons amigos consegui abraçar-te, livre dos verdugos que a ambos nos enchiam as noites de angustias e receios. O virus, porem, das lagrimas amargas da desesperação, tinha coado no seio do entesinho que lá vivia; e quando a vi nascer para tão pouco, parecendo que um leve sopro apagaria aquella luz de vida quasi a extinguir-se, senti um aperto de coração inexprimivel; uma sensação de terror que me levava a quase desejar vel-a apagar-se. E d'aquella hora em diante, ficou-me a convicção, que a desgraça será sua companheira. Não está em mim poder vencer estas apprehensões, filho,—proseguiu ella, enquanto o marido a escutava taciturno. Ah! tens, por que razão eu me inclinava ao casamento.—Ligada ao visconde que a adora, parece-me que findavam os meus receios. Estou certa que elle havia de saber estimal-a, por isso mesmo que a nossa Regina tem poucas ou nenhuma iguaes em lindesa e merecimento. Não reparas como todos a olham! Como a admiram! O seu desenvolvimento fisico, é que não condiz ainda com as suas ideas e pensamentos... acho-os menos temporãos... E olha, tudo isto me faz scismar; tanto

quanto me regosija vel-a forte e sadia nascendo tão enfezada. Misterios do destino, como saberemos nós explical-os?

—A' custa de ouvir-te, sou capaz de tremer pelo futuro da nossa querida filha—tornou o marido. Fartemhas visionario, Antonia? Não estejamos aqui a quebrar a cabeça. Os auspicios, por enquanto são os melhores. Regina é como todos me repetem adoravel, docil, submissa; e sobre tudo, o que prova a segurança de seu excellente character, é ver o apego que ella ainda tem ás bonecas e a indifferença para aquillo que costuma encantar as mulheres na sua idade. Isto agrada-me extremamente. Enjoam-me estas mulhersinhas precoces, tanto quanto gosto de ver em tempo opportuno desabrochar a roza já feita e opulenta. Recommendo-te por tanto silencio, minha amiga, peço-te que te abstenhas de propositos que desencantem a angelica pureza da nossa filhinha. Quero mais, ainda. Deves esforçar-te para afugentar esses vaticinios infundados que te fazem ás vezes encarar a pobre menina de modo que a entristeees. Deus ampara os seus anjos, minha Antonia; não devemos descreer nem desconfiar da Providencia.

—Tens razão—clamou D. Antonia.— E' uma doídice. Possa eu dizer sempre como hoje: não ha mãe, nem esposa mais feliz!

Anselmo da Costa lançou um braço em redor do pescoço de sua mulher, e chegou-a a si com ternura beijando-a na testa.

N'este momento, a voz de Regina doce e vibrante incheu o coração dos dois esposos embevecidos n'outra harmonia não menos melodiosa.

(*Continúa.*)



## FR. DIOGO DA ASSUMPÇÃO

Diogo era filho d'um fidalgo de Vianna do Minho ou de Vianna de Caminha como então diziam. O ruim sangue procedia-lhe da mãe, que era christan nova.

Professaram elle e um irmão. O irmão morreu martyr pela fé de Christo no Japão; fr. Diogo fugiu do convento e andou por Flandes e Inglaterra prégando contra Christo e contra a fradaria. Da lei christan dizia elle (se a sentença não mente) que tinha sido forjada por uma malta de criminosos foragidos por entre pene-dos á justiça dos cezares; dos frades affirmava que, sobre serem máos, eram ignorantísimos.

O descôco de vir metter-se nas garras dos inquisidores, depois d'aquillo, não sei explical-o! Prezo sei eu que elle foi, e conduzido á meza do tribunal confessou os seus erros, pediu perdão com muitas lagrimas e submetteu-se á penitencia que lhe impoessessem, implorando-a com vehementes mostras de contricto.

Vai se não quando, volvidos dias, torna frei Diogo ao tribunal e declara que é hebreu, que se desdiz da in-

considerada abjuração que fizera da sua crença profunda e inabalavel em Moisés. Corre uma formal descompostura aos inquisidores, e trata de os reduzir á verdadeira religião querendo convencel-os de idolatras e parvos. Á cruz chamava o impio dois páos; dizia que Jesus era remido e não redemptor; que os trez deuses da Trindade era puro gentilismo; que isto de santos era uma historia de origem pagan; que a eucharistia da missa era pão; que Jehovah promettera restaurar a paz quando viesse ao mundo, e que, depois de Christo, a guerra ardia como d'antes; que o Baptismo era uma lavagem d'agua nem sempre limpa; que os inquisidores eram uns ladinos biltres de quem o verdadeiro Deus não recebia senão affrontas.

Chamado outras vezes ao tribunal, subia de ponto nas insolentes impiedades. Regeitou letrado que o defendesse e padres que o admoestassem. Deixou-se ir á fogueira com espantosa serenidade, e morreu com os olhos postos no ceu e os braços amarrados a um poste.

Os hebreus inscreveram-no logo na extensa lista dos seus martyres, e o doutor Antonio Homem levantou-lhe altar ao seu retrato.

É de saber, diz o meu manuscrito, em que li o traslado da sentença pouquissimo conhecida, que o pai d'este frade foi chamado de Vianna e mettido na masmorra com o filho a ver se o demovia. Pobre pai!

Como elle sahiria do carcere na vespera do dia da fogueira! Não conseguira senão arrancar lagrimas de sangue ao coração do pobre môço, que se deixava matar antes dos trinta annos!

Ajuncta o *Mz.* «E seu pai sentiu isto tanto que, sendo morador d'entro da villa de Vianna, em casas suas proprias, se sahiu d'ellas, e as deixou cahir, indo residir em uma quinta sua onde ainda viveu muitos annos e morreu muito velho.»

De maneira que este excruciado pai creara dois filhos para martyres de suas diversas religiões.

Se aquellas duas almas se encontrariam com a do ancião na presença do verdadeiro Deus!..

C. CASTELLO-BRANCO.

## NOTICIAS DO PORTO ANTIGO

§

No anno de 1611 foi mandada construir a alamêda da Porta do Olival, á custa do imposto do vinho, e de frente do Terreiro da Relação se mandou abrir um postigo. A alamêda era guardada por quatro homens gratificados cada um com oito mil reis annuaes, tirados do mesmo imposto do vinho.

§

As freiras de Santa Clara, até o anno de 1500, recebiam portagem das mercadorias que passavam pelo rio Douro. N'aquelle anno foi-lhe cassado o direito, e no de 1504 tornaram a restaural-o, pelo que dizia respeito ás

mercadorias de Entre-ambos-os-rios, por ser couto do mosteiro.

§

Os cidadãos do Porto eram privilegiados para poderem andar armados por todo o reino. As armas, vindas para o Porto, não pagavam decima nem ciza.

§

Em 1570 mandou D. Sebastião repartir armas do seu armazem pelos moradores do Porto que as não tivessem, sob condição de as pagarem. Em 1571 veio ordem para que todos se exercitassem no jogo das armas, aos domingos e em dias sanctificados.

§

Em 1510 Correu uma demanda entre a cidade e Fernão Brandão sobre a portagem de Avintes. Desistiu Brandão, dando-lhe a cidade um terreno para casas e quintal junto á rua de S. Miguel e postigo pegado ao muro.

§

D. Manoel concedeu em 1497, aos cidadãos do Porto que podessem trazer borseguins, tendo couraças, capacetes, baleiras e cuxotes.

§

O julgado de Bouças foi dado ao Porto por D. João I em 7 de julho de 1386, e tirado a Fernando Affonso de Abborim a quem o tinhadado D. Fernando. Depois, o mesmo D. João I, o deu ao condestavel D. Nuno Alvares Pereira. A cidade oppoz-se e venceu.

§

O bispo D. João de Souza não queria consentir que os vereadores da Camara se assentassem em cadeiras de espaldar na Sé. Recorreu o senado ao rei e venceu.

§

No seculo XVI as estalagens do Porto estavam quase todas arruadas em nossa Senhora da Batalha, e pertenciam a um Gaspar Coutinho, que as herdára de avós, e transmittira aos descendentes.

§

No anno de 1536 deu el-rei o cargo de prover sobre as náos da cidade a João Roiz de Sá e mandou á cidade que lhe obedecesse. O Porto não obedeceu, allegando que os seus privilegios eram offendidos. O rei reconsiderou e mandou-lh'os guardar.

§

A casa da camara do Porto foi feita de madeira em 1406; custou 220\$ dobras de peça de panno.

§

Concedeu D. Manoel aos cidadãos do Porto, que andassem nos pelouros da governança, e cavalgassem mulas desella e freio. Os cidadãos do Porto não podiam ser mettidos a tormento, salvo no caso em que o podem ser os fidalgos. Se fossem prezos, recebiam homenagem como fi-

dalgos. Os seus caseiros não podiam ser constringidos a irem á guerra.

§

El-Rei D. João I dispensou com os clérigos casados para que podessem ser metidos nos pelouros de juizes e vereadores d'esta cidade. (1)

§

Pertencia á camara dar licença para a representação das comédias, e não ao governador.

§

Nas cortes de D. Affonso V decidiu-se que os do Porto podessem vender as suas mercadorias na Terra da Feira, e os d'aqui no Porto. Foi necessaria esta lei porque João Alves Pereira, inimigo dos portuenses, prohibiu os da Terra da Feira de vir vender ao Porto.

§

Por carta de D. João I, não é permittido aos fidalgos e poderosos d'esta cidade escolher na causa dos pobres o juizo do corregedor da commarca; podem, porém, os pobres escolher o dito juizo. (E pregoam-nos hoje egualdades e democracias!..)

§

Em cortes de D. João I, se mandou levar em conta as despezas que a cidade fez com os procuradores ás côrtes e com a demanda do bispo sobre o interdicto posto á cidade, para o que ella tinha tomado dinheiro das obras da Rua Formosa. (2)

§

Em 1604 deu a cidade 104\$ reis para se criarem os injeitados sob a vigilancia do provedor. Só em 1590 se tinham dado 100 cruzados dos crescimentos das cizas, e

(1) *Clerigos Casados* não quer dizer que em tempo de D. João I casassem os padres. Casavam os ordinandos que podem ainda hoje casar, antes de ordens sacras; porque então a palavra *clérigo* abrangia os diversos grãos conducentes ao sacerdocio. *Clerigos Solteiros* eram os de ordens menores, ainda no caso de poderem matrimoniarem.

Sem embargo de estarem casados, os clérigos eram ainda admittidos ao serviço da igreja com as suas vestimentas clericas; perdiam, com tudo, muitissimos privilegios que lhes dava o estado de solteiros. No tempo de Affonso IV os clérigos de menores casavam clandestinamente; depois se queriam tomar ordens sacras, negavam o casamento contrahido sem testemunhas. Quanto mais retrocedemos peor encontramos o genero humano. Vej. o *ELUCIDARIO de Viterbo* desde pag 281 a 288 1.<sup>a</sup> edição.

(2) O interdicto começou pelas excomunhões do Bispo D. Pedro Affonso contra Affonso IV, e os homens do concelho do Porto; continuou a lucta da jurisdicção no tempo de D. Affonso Pires, de D. Egidio, de D. João e acabou em D. Gil ao cabo de sessenta annos. A miuda historia d'estas ruidosas contendas vem no *Cathalogo dos bispos do Porto* de D. Rodrigo da Cunha. É curiosa e instructiva. A *Rua Formosa*, nomeada em cima, foi mandada abrir por D. João I e hoje se diz de *S. Nicolau*. A sua rua Formosa lhe chamava o Mestre d'Avis.

no de 1592 100\$ reis. A Misericordia dava 10\$ reis para o mesmo fim annualmente. Era eleito em camara um cidadão que chamavam *pai dos meninos* para tractar da criação dos ingeitados. Depois, em 1535, nomeou-se um mecânico para servir o officio, pago pelo senado.

§

O conselho e juiz tomavam informação das estalagens, e se as não achavam bem providas, condemnavam os donos, cassando-lhes os privilegios. Foi isto resolvido em cortes de D. Manoel, anno de 1498.

§

Se algum estrangeiro levava d'esta cidade mais fazenda do que trasia, pagava a dizima. Nenhum estrangeiro podia revender no Porto as mercadorias compradas, nem era permittido a portuense ter sociedade commercial com estrangeiro.

§

D. João 1.<sup>o</sup> concedeu feira franca nesta cidade no 1.<sup>o</sup> de cada mez com os privilegios e franquia da feira de Trancozo. Eram obrigados os moradores de Termo e Coutos a traserem á cidade os mantimentos. No anno de 1582 alcançou a cidade poder ter feira todas as semanas.

Estas noticias e outras que ao diante se dirão são collidas do Mostrador do Archivo da Camara Municipal. Os documentos, que intendem com as indicações feitas, podem ser examinados nos livros respectivos.

Quem houver de escrever a historia do Porto mal poderá dispensar-se de lhe estudar a origem e adiantamento nos seus velhos padroens escriptos e apenas buscados d'algum paciente investigador de velharias. Para tal empreza seria bem escolhido Arnaldo Gama que possui alguns milhares de copias de diversos documentos relativos ao Porto, extrahidos do archivo municipal. Obra de tanto fôlego não pode emprehendê-la quem, como o douto escriptor, tem seu tempo captivo, e pautado ás necessidades de cada dia. Um frívolo romance tem centenas de leitores espontaneos; a HISTORIA DO PORTO, sem subscriptores solicitados, seria ao mesmo tempo «a historia da ruina d'um litterato».

C. CASTELLO-BRANCO.

## EXPEDIENTE

*Aos srs. assignantes de Lisboa, Braga, Lamego, Coimbra e Aveiro pedimos o obsequio de saptisfazerem o importe do 1.<sup>o</sup> trimestre da sua assignatura aos nossos correspondentes. Os da Villa da Feira ao illm.<sup>o</sup> sr. Joaquim Eduardo d'Almeida Teixeira; e os srs. das outras localidades podem fazel-o pelo correio, em vales ou como melhor lhes convenha.*

*Fazemos já este pedido, visto que uma das condições da assignatura é: o pagamento adiantado.*